

Francisco de Jesús Hernández
Doctorando em Literatura pela UFPI
Professordjesus.2013@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-5420-0679>
Teresina-Piauí, Brasil



Margareth Torres de Alencar Costa
Professora UESPI/UFPI
margarethtorres@cchl.uespi.br
<https://orcid.org/0000-0003-3524-9503>
Teresina-Piauí, Brasil



Lylia Rachel Sousa Castro Cruz
Universidade Estadual do Piauí- UESPI
lyliarachel@prp.uespi.br
<https://orcid.org/0009-0008-2360-7012>
Piripiri-Piauí, Brasil



Maísa de Sousa Barros
Professora de espanhol EBTT- IFPI - campus central
maisa.barros@ifpi.edu.br
<https://orcid.org/0009-0001-1275-4702>
Teresina-Piauí, Brasil



Jéssica Lima e Silva
Doutoranda em Literatura
jessicalimaesilva1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1679-0038>
Teresina-Piauí, Brasil



Elizabeth da Costa Machado
Secretaria Estadual de Educação SEDUC-PI
elizabethmachado7@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-6285-2024>
Teresina-Piauí, Brasil



Sugerencia como citar: de Jesús, F., Torres de Alencar, M., Sousa, L., Sousa, M., Lima, J., da Costa, E. (2026). Narrativas do trauma: memória, história e testemunho na literatura contemporânea: um estudo de caso em “pelea de gallos”, de María Fernanda Ampuero. Revista: Mundo Científico Internacional. Volumen 14. Pág. 22-41, <https://mucin.nelkuali.com/>

Recibido:24/02/2026

Aprobado:24/03/2026

Publicado:25/03/2026

MUNDO CIENTÍFICO INTERNACIONAL (MUCIN)
MARZO - JUNIO 2026 | EDICIÓN XIV
ISSN: 2954-4416

MUNDO CIENTÍFICO INTERNACIONAL (MUCIN), año 1, No.1, Octubre 2021, Publicación cuatrimestral, editada por: Ma. Elizabeth Islas León, Calle Noria SN Esq., Art. 3ro. Fracc. Constitución, C.P. 42080, Pachuca, Hidalgo, Tel. +52 (771) 1533478, <https://mucin.nelkuali.com/>, articuloscientificos@ceecph.com, Editor responsable: Ma. Elizabeth Islas León, Reserva de Derechos al Uso Exclusivo No. 04-2022-053113074300-102, ISSN: 2954-4416, ambos otorgados por el Instituto Nacional del Derecho de Autor, Responsable de la última actualización de este Número, Unidad de Informática del Centro de Evaluación Educativo y de Competencias Profesionales de Hidalgo, CEECPH, S. C., Ma. Elizabeth Islas León, Calle Noria SN Esq., Art. 3ro. Fracc. Constitución, C.P. 42080, Pachuca, Hidalgo.

NARRATIVAS DO TRAUMA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E TESTEMUNHO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DE CASO EM “PELEA DE GALLOS”, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

TRAUMA NARRATIVES: MEMORY, HISTORY, AND TESTIMONY IN CONTEMPORARY LITERATURE: A CASE STUDY OF “PELEA DE GALLOS” BY MARÍA FERNANDA AMPUERO

NARRATIVAS DEL TRAUMA: MEMORIA, HISTORIA Y TESTIMONIO EN LA LITERATURA CONTEMPORÁNEA: UN ESTUDIO DE CASO EN “PELEA DE GALLOS”, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Resumo

Este artigo analisa o conto “*Pelea de gallos*”, de María Fernanda Ampuero, a partir das categorias de memória, trauma, história e testemunho, com base nas reflexões teóricas de Márcio Seligmann-Silva. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso e análise interpretativa da narrativa, considerando seus aspectos formais e temáticos. Observa-se que o texto aborda o trauma por meio de uma linguagem fragmentada, intensa e, por vezes, marcada pelo silêncio, revelando experiências de violência que dialogam com contextos históricos e sociais mais amplos, especialmente no âmbito da violência de gênero e da infância. Além disso, revela-se a presença de uma dimensão testemunhal que tenciona os limites entre ficção e realidade. Conclui-se que a literatura atua como espaço de elaboração simbólica do trauma, de resistência e de denúncia das estruturas de opressão e silenciamento social.

Palavras-chave: Trauma, memória, testemunho, literatura contemporânea, violência.

Abstract

This article analyzes the short story “*Pelea de gallos*” by María Fernanda Ampuero, based on the categories of memory, trauma, history, and testimony, drawing on the theoretical reflections of Márcio Seligmann-Silva. The research adopts a qualitative approach through a case study and an interpretative analysis of the narrative, considering its formal and thematic aspects. It is observed that the text addresses trauma through a fragmented, intense language, at times marked by silence, revealing experiences of violence that engage with broader historical and social contexts, particularly in relation to gender-based violence and childhood. Furthermore, the presence of a testimonial dimension is identified, which challenges the boundaries between fiction and reality. It is concluded that literature functions as a space for the symbolic elaboration of trauma, as well as for resistance and the denunciation of structures of oppression and social silencing.

Keywords: Trauma, memory, testimony, contemporary literature, violence.

Resumen

Este artículo analiza el cuento “*Pelea de gallos*” de María Fernanda Ampuero, a partir de las categorías de memoria, trauma, historia y testimonio, con base en las reflexiones teóricas de Márcio Seligmann-Silva. La investigación adopta un enfoque cualitativo, mediante un estudio de caso y un análisis interpretativo de la narrativa, considerando sus aspectos formales y temáticos. Se observa que el texto aborda el trauma a través de un lenguaje fragmentado, intenso y, en ocasiones, marcado por el silencio, revelando experiencias de violencia que dialogan con contextos históricos y sociales más amplos, especialmente en el ámbito de la violencia de género y la infancia. Además, se evidencia la presencia de una dimensión testimonial que tensiona los límites entre ficción y realidad. Se concluye que la literatura actúa como un espacio de elaboración simbólica del trauma, de resistencia y de denuncia de las estructuras de opresión y silenciamento social.

Palabras clave: Trauma, memoria, testimonio, literatura contemporânea, violencia.

Introdução

A literatura contemporânea tem se consolidado como uma ferramenta privilegiada para a representação de experiências traumáticas, especialmente aquelas relacionadas à violência, à exclusão e às desigualdades sociais. Nesse cenário, diversos teóricos destacam que a escrita literária não narra unicamente o sofrimento, mas também problematiza suas condições históricas e políticas. Para Márcio Seligmann-Silva (2008) a literatura constitui um espaço fundamental para a abordagem do trauma, ainda que marcada pelos limites da linguagem diante do indizível. De modo semelhante, LaCapra (2014) enfatiza a distinção entre experiência traumática e sua representação, destacando a importância da escrita na mediação entre memória e história. Já Assmann (2011) compreende a memória como um processo cultural dinâmico, essencial para a construção de identidades e para a preservação de experiências coletivas.

Nesse contexto, a escrita de María Fernanda Ampuero se destaca por dar visibilidade a narrativas marcadas pela dor, pelo silêncio e pela opressão, sobretudo no âmbito doméstico. Seus contos exploram experiências de violência que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas, especialmente quando relacionadas à infância e ao gênero. Em *“Pelea de gallos”*, a autora constrói uma narrativa intensa e perturbadora, na qual a linguagem assume um papel central na interpretação do trauma. O conto apresenta situações de extrema vulnerabilidade, mostrando somente a violência física, como também, a simbólica e psicológica. A narrativa fragmentada, os silêncios e as rupturas discursivas revelam a dificuldade de representar o trauma de forma linear, dialogando com as reflexões de Cvetkovich (2003) que entende o trauma como um fenômeno que atravessa tanto o campo individual quanto o cultural, sendo frequentemente expresso por meio de formas narrativas não convencionais. Nesse sentido, o texto de Ampuero pode ser compreendido como uma forma de testemunho literário, que, embora ficcional, dialoga profundamente com realidades sociais concretas.

A partir dessa perspectiva, torna-se relevante analisar como a memória, o testemunho e a história se articulam na construção narrativa do conto *“Pelea de gallos”*. A memória, longe de ser um registro fiel do passado, aparece como um processo fragmentado e seletivo, atravessado por afetos e traumas. A história, por sua vez, emerge não como um pano de fundo neutro, mas como um elemento constitutivo da experiência das personagens, refletindo estruturas sociais marcadas pela violência e pela

desigualdade, conforme discutido por Rothberg (2009). Dessa forma, o problema que orienta este estudo é: como o trauma é representado no conto “*Pelea de gallos*”, de Maria Fernanda Ampuero e de que maneira ele se relaciona com a memória e o testemunho? O objetivo da pesquisa consistiu em identificar marcas de memória, dimensão testemunhal e a compreensão da relação entre literatura e contexto histórico. Ao articular essas dimensões, pretende-se elucidar o papel da literatura como espaço de reflexão crítica, de resistência e de elaboração simbólica das experiências traumáticas.

Memória e História

A memória desempenha um papel fundamental na construção da narrativa, funcionando como um elo entre a experiência individual e o contexto coletivo. Longe de ser um simples depósito de lembranças, ela constitui um processo ativo de reconstrução do passado, atravessado por esquecimentos, silêncios e ressignificações. Nesse sentido, a memória não pode ser compreendida como uma reprodução fiel dos acontecimentos, mas como uma construção dinâmica, influenciada por fatores culturais, sociais e históricos que moldam aquilo que é lembrado e aquilo que é silenciado.

De acordo com Assmann (2011) a memória deve ser entendida como um fenômeno cultural que organiza, preserva e transmite experiências ao longo do tempo, contribuindo diretamente para a formação de identidades individuais e coletivas. A autora destaca que a memória não é estática, mas sim constantemente atualizada de acordo com as demandas do presente, o que implica reconhecer seu caráter seletivo e interpretativo. Nesse mesmo horizonte, Assmann (2011) desenvolve o conceito de memória cultural como um sistema simbólico que garante a continuidade das experiências históricas dentro de uma comunidade.

Complementando essa perspectiva, Rothberg (2009) propõe o conceito de memória multidirecional, segundo o qual diferentes experiências históricas não competem entre si, mas dialogam e se entrelaçam. Para o autor, a memória deve ser pensada como um campo de articulações, no qual eventos traumáticos distintos podem se iluminar mutuamente, ampliando as possibilidades de interpretação do passado e promovendo novas formas de solidariedade e reconhecimento.

No campo da relação entre memória e narrativa, Ricoeur (2000) argumenta que é por meio da narrativa que o sujeito organiza temporalmente suas experiências, atribuindo coerência e sentido ao vivido. Para Ricoeur, a narrativa não só representa o passado, mas o reconstrói, articulando tempo, identidade e memória. Essa ideia é fundamental para

compreender como a literatura atua como um instrumento de acolhimento da experiência, em especial quando se trata de vivências traumáticas.

Ao abordar a interação entre memória e trauma, Márcio Seligmann-Silva (2008) destaca que o trauma introduz uma ruptura na experiência, dificultando sua assimilação e representação. Segundo o autor, a memória traumática é marcada por lacunas, repetições e silêncios, o que revela os limites da linguagem diante do sofrimento extremo. Nessa compreensão, a narrativa torna-se um esforço de elaboração que nunca se completa totalmente, mas que é essencial para a construção de sentido.

Além disso, LaCapra (2014) ressalta a importância de distinguir entre a experiência traumática e sua representação, apontando que a escrita desempenha um papel mediador entre memória e história. Para o teórico, a narrativa histórica e literária pode contribuir para a feitura do trauma, desde que evite tanto a banalização quanto a repetição acrítica da violência.

Dessa forma, a literatura emerge como um caminho de reconfiguração da memória, permitindo que experiências traumáticas sejam revisitadas, elaboradas e reinterpretadas. Ao transformar o sofrimento em narrativa, a literatura registra a experiência, como também a ressignifica, abrindo possibilidades de reflexão crítica sobre o passado. Nesse sentido, ela atua como um meio de articulação entre memória e história, contribuindo para a elucidação de uma consciência coletiva mais sensível às marcas da violência. Assim, compreender a memória como um processo dinâmico e narrativo é essencial para analisar obras contemporâneas que abordam o trauma. A literatura, ao lidar com fragmentos, silêncios e múltiplas temporalidades, revela tanto as dificuldades de representar o passado, quanto sua potência como meio de reprodução simbólica e de construção de sentido.

Trauma e Representação

O trauma caracteriza-se como uma experiência que excede a capacidade de representação, dificultando sua expressão por meio da linguagem. Trata-se de um evento ou conjunto de experiências que rompem a linearidade da consciência e desafiam os modos tradicionais de narrar, produzindo lacunas, silêncios e descontinuidades. Nesse sentido, o trauma não se apresenta como um conteúdo plenamente acessível à memória, mas como algo que retorna de forma indireta, fragmentada e, muitas vezes, perturbadora.

Segundo LaCapra (2014) o trauma implica uma ruptura na experiência que impede sua assimilação imediata, exigindo processos de elaboração que nem sempre se

completam. O autor distingue entre “acting out” (“atuação”) e “working through”, (resolvendo/processando algo emocional), destacando que a repetição compulsiva do trauma pode aprisionar o sujeito no passado, enquanto a elaboração narrativa possibilita certa mediação crítica da experiência. Essa distinção é fundamental para compreender como a literatura pode atuar tanto na repetição quanto na transformação do trauma.

De forma complementar, Pollock (2013) enfatiza que o trauma não deve ser entendido como uma experiência individual, mas também como um fenômeno cultural e histórico, que atravessa práticas artísticas e narrativas. Para a autora, a representação do trauma exige formas estéticas capazes de lidar com sua complexidade, frequentemente recorrendo à fragmentação e à disjunção temporal. Nesse contexto, Bennett (2005) propõe que o trauma pode ser comunicado por meio de narrativas lineares, bem como por experiências sensoriais e afetivas. A autora argumenta que a arte e a literatura possuem a capacidade de transmitir o impacto do trauma ao leitor, não necessariamente por meio de uma descrição direta, mas através de atmosferas, imagens e intensidades emocionais que evocam o sofrimento.

Além disso, Cvetkovich (2003) amplia a compreensão do trauma ao relacioná-lo com a vida cotidiana e com experiências de opressão social, como gênero e sexualidade. Para a autora, o trauma pode se manifestar de maneira difusa, incorporando-se às práticas culturais e às narrativas, o que reforça a importância da literatura como espaço de visibilização dessas experiências. Na literatura, essas características se refletem em estruturas não lineares, marcadas por rupturas temporais, repetições e vozes fragmentadas. A linguagem, por sua vez, busca expressar o indizível, explorando seus próprios limites diante daquilo que resiste à representação. Em vez de oferecer uma narrativa coesa e completa, muitos textos contemporâneos optam por expor as fissuras da experiência traumática, evidenciando sua complexidade.

Dessa forma, a representação do trauma na literatura não se dá por meio da transparência, mas da opacidade, da ambiguidade e da incompletude. Ao incorporar silêncios e lacunas, o texto literário não apenas representa o trauma, mas também encena sua própria impossibilidade de representação plena. Sob essa ótica, a literatura torna-se um espaço de tensão entre dizer e não dizer, revelando tanto a necessidade quanto os limites de narrar o sofrimento. Dessa forma, compreender o trauma como uma experiência que desafia a linguagem permite reconhecer o papel da literatura contemporânea como um campo propício de experimentação estética e reflexão crítica.

Ao explorar formas narrativas fragmentadas e intensas, a literatura representa o trauma, mas também convida o leitor a confrontar suas implicações éticas, históricas e afetivas.

Literatura do Testemunho

A literatura do testemunho surge como uma forma de enaltecer a voz de sujeitos que vivenciaram experiências extremas, especialmente aquelas marcadas por violência, exclusão e desigualdades estruturais. Na contemporaneidade, esse campo tem se expandido para incluir novas formas de narrar o trauma, incorporando perspectivas interseccionais e abordagens que consideram gênero, raça e classe. Nesse contexto, o ato de narrar ultrapassa a dimensão estética e assume um papel ético e político, ao possibilitar a visibilização de histórias historicamente silenciadas.

De acordo com Gilmore (2022), o testemunho contemporâneo deve ser compreendido como uma prática narrativa que desafia as noções tradicionais de verdade e autenticidade, especialmente em contextos de violência e trauma. A autora destaca que narrar experiências traumáticas implica lidar com lacunas, ambiguidades e tensões entre memória e representação, o que torna o testemunho um processo complexo e, muitas vezes, fragmentado. Diante disso, Michael Rothberg (2021) propõe uma ampliação do conceito de testemunho ao relacioná-lo com dinâmicas globais de memória, destacando como diferentes experiências de sofrimento podem dialogar entre si. Para o autor, o testemunho contemporâneo não se limita a um evento específico, mas se insere em redes mais amplas de memória e solidariedade, contribuindo para uma compreensão mais complexa das violências históricas e atuais.

Ademais, Marianne Hirsch (2020) introduz o conceito de pós-memória para analisar como traumas podem ser transmitidos entre gerações, mesmo quando não foram diretamente vivenciados. Essa perspectiva é particularmente relevante para a literatura, na qual muitas narrativas testemunhais são edificadas a partir de heranças traumáticas, evidenciando a persistência da violência no tempo.

No contexto latino-americano, Richard (2021) destaca o papel da literatura e das artes na reconfiguração das memórias de violência, principalmente em sociedades marcadas por desigualdades e conflitos históricos. Para a autora, o testemunho não somente denuncia, mas também problematiza as formas de representação e os modos de circulação dessas narrativas. Na literatura, essas reflexões se traduzem em estratégias narrativas que evidenciam a fragmentação, os silêncios e as rupturas, características centrais das experiências traumáticas. O testemunho literário, portanto, não se limita a

relatar eventos, mas encena o próprio processo de narrar o trauma, revelando tanto a necessidade quanto os limites da linguagem.

Sendo assim, o testemunho literário moderno promove tanto a visibilização de histórias silenciadas quanto a construção de espaços de escuta e reconhecimento. Ao articular memória, experiência e narrativa, a literatura do testemunho se configura como um campo fundamental para a reflexão crítica sobre o trauma e suas implicações sociais, reafirmando seu papel ético e político na contemporaneidade.

Contribuições de Seligmann-Silva

Para Márcio Seligmann-Silva, o trauma está profundamente relacionado às dimensões da história e da memória, sobretudo em contextos marcados por violência coletiva, como guerras, holocausto, ditaduras e processos de exclusão social. Em suas reflexões mais recentes, o autor reafirma que o trauma não pode ser plenamente assimilado no momento em que ocorre, sendo frequentemente retomado de forma fragmentada por meio da memória e da narrativa. Nessa lógica, a literatura surge como um mecanismo para a elaboração simbólica dessas experiências, ainda que enfrente limites estruturais diante daquilo que resiste à representação por meio da linguagem.

Segundo Seligmann-Silva (2010; 2020), a relação entre literatura e trauma envolve uma tensão constante entre a necessidade de narrar e a impossibilidade de dizer completamente o vivido. O autor argumenta que a linguagem, ao tentar dar forma ao trauma, demonstra suas próprias falhas, manifestando-se por meio de lacunas, silêncios e rupturas narrativas. Essa característica não representa uma fragilidade da literatura, mas, ao contrário, constitui uma de suas potências, pois revela a complexidade da experiência traumática e a impossibilidade de reduzi-la a uma narrativa linear e transparente.

Adicionalmente, o autor enfatiza a importância do testemunho como uma prática fundamental na construção de sentido diante da dor. Para Seligmann-Silva (2008; 2015), o testemunho não se limita a relatar acontecimentos, mas envolve um compromisso ético com a memória e com o outro. Nesse processo, a narrativa testemunhal atua como uma forma de resistência ao esquecimento e à negação da violência, contribuindo para a preservação de experiências que, de outra forma, poderiam permanecer invisibilizadas.

Outro aspecto relevante em sua obra diz respeito à relação entre trauma e história. Seligmann-Silva destaca que a história não pode ser compreendida singelamente como uma sequência de fatos objetivos, mas deve ser pensada também a partir das marcas deixadas pelo sofrimento humano. Assim, a literatura desempenha um papel crucial ao

complementar a narrativa histórica, trazendo à tona dimensões subjetivas e afetivas que frequentemente escapam aos registros oficiais.

Em diálogo com abordagens contemporâneas, como as de Rothberg (2021) é possível ampliar a compreensão do pensamento de Seligmann-Silva, sobretudo no que se refere à articulação entre diferentes memórias traumáticas em contextos globais. Essa aproximação reforça a ideia de que o trauma não é apenas individual, mas também coletivo e transnacional, sendo constantemente reconfigurado por meio das narrativas.

A partir dessa perspectiva, as contribuições de Seligmann-Silva são fundamentais para compreender o papel da literatura na contemporaneidade, de modo específico no que diz respeito à representação do trauma, à construção da memória e à importância do testemunho. Ao mostrar os limites e as possibilidades da linguagem, o autor reafirma a literatura como um espaço de reflexão crítica, resistência e elaboração simbólica das experiências traumáticas.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, utilizando o método de estudo de caso, por possibilitar uma análise aprofundada de um objeto específico dentro de seu contexto. Conforme destaca Yin (2015) o estudo de caso é particularmente adequado para investigações que buscam compreender fenômenos complexos em profundidade, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. Nesse sentido, o corpus de análise é o conto *“Pelea de gallos”*, de María Fernanda Ampuero, selecionado por sua relevância temática no que se refere à representação do trauma, da violência e das experiências de vulnerabilidade.

A abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar significados, símbolos e construções discursivas presentes no texto literário. De acordo com Denzin e Lincoln (2018) a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos a partir de suas dimensões interpretativas, considerando os contextos sociais, culturais e históricos em que se inserem. Essa concepção é notadamente pertinente para a análise literária, na medida em que permite explorar a complexidade das narrativas e suas múltiplas camadas de sentido.

A análise baseia-se, portanto, em uma abordagem interpretativa, considerando elementos narrativos, discursivos e simbólicos à luz da teoria literária contemporânea. Conforme argumenta Eagleton (2019) a interpretação literária envolve a articulação entre texto, contexto e teoria, permitindo compreender como os significados são produzidos e

negociados. Nesse sentido, também, Culler (2020) destaca que a análise literária contemporânea deve considerar não unicamente a estrutura textual, como também os efeitos de sentido gerados no leitor. Pois ao dialogar com os estudos do trauma e da memória, a análise incorpora uma perspectiva interdisciplinar, conforme sugerem Cvetkovich (2003) e LaCapra (2014) permitindo compreender como a literatura articula experiências subjetivas e dimensões históricas. De tal modo, a metodologia adotada possibilita uma leitura crítica e aprofundada do conto, evidenciando suas múltiplas camadas de significado e sua relevância no contexto da literatura contemporânea.

Estudo de Caso: Análise do Conto

O conto *“Pelea de gallos”*, insere-se no contexto da literatura latino-americana contemporânea, marcada pela abordagem de temas como violência, desigualdade e opressão, frequentemente associados a processos históricos e sociais profundamente enraizados na sociedade. Nas últimas décadas, diversos autores têm se dedicado a explorar experiências marginalizadas, trazendo à tona narrativas que evidenciam conflitos relacionados a gênero, classe e poder. Nesse cenário, a escrita literária assume um papel crítico, funcionando como espaço de denúncia e reflexão sobre estruturas sociais que perpetuam a violência.

A produção de María Fernanda Ampuero destaca-se justamente por inserir-se nesse movimento, ao abordar de forma direta e contundente experiências de dor e vulnerabilidade, sobretudo no âmbito doméstico. Em seus contos, a autora evidencia como a violência não se restringe ao espaço público, mas se manifesta de maneira intensa nas relações familiares, muitas vezes naturalizada e invisibilizada. Esse entendimento dialoga com o que Segato (2018) define como estruturas de poder que operam no cotidiano, especialmente nas relações de gênero, nas quais a violência se torna um mecanismo de controle e dominação.

Vale acrescentar que, a obra pode ser compreendida à luz das discussões contemporâneas sobre violência estrutural, conceito amplamente debatido por Mbembe (2019) que analisa como determinadas populações são sistematicamente expostas a condições de vulnerabilidade e sofrimento. No caso de *“Pelea de gallos”*, essa violência se manifesta de maneira íntima e cotidiana, revelando como o espaço doméstico pode se transformar em um ambiente de opressão. Outro aspecto relevante é a presença de narrativas que tencionam os limites entre o privado e o público, evidenciando que experiências consideradas individuais estão profundamente conectadas a contextos

sociais mais amplos. Nesse sentido, a obra também dialoga com perspectivas contemporâneas que enfatizam a importância de dar visibilidade a vozes historicamente silenciadas, contribuindo para a construção de uma memória coletiva mais crítica.

Memória na Narrativa

No conto *“Pelea de gallos”*, a memória aparece de forma fragmentada, evidenciando a dificuldade de organizar experiências traumáticas em uma narrativa linear. As lembranças emergem de maneira dispersa, descontínua e, por vezes, contraditória, refletindo não apenas a instabilidade emocional das personagens, mas também a própria natureza da memória quando atravessada pelo trauma. Nesse contexto, o passado não se apresenta como uma sequência ordenada de eventos, mas como um conjunto de imagens, sensações e episódios que irrompem de forma inesperada no presente.

De acordo com Assmann (2011) a memória é um processo seletivo e dinâmico, marcado por esquecimentos e reconstruções constantes. Essa perspectiva permite compreender que as lacunas presentes na narrativa não representam falhas, mas constituem elementos estruturais da própria memória. No caso do referido conto, tais lacunas reforçam a impossibilidade de acessar plenamente a experiência traumática, evidenciando os limites da representação.

Cabe acrescentar que, Hirsch (2020) contribui para a compreensão de como experiências traumáticas podem ser transmitidas e reelaboradas por meio da narrativa, mesmo quando não são vividas de forma direta ou consciente. Essa noção é particularmente relevante para analisar a forma como as personagens lidam com suas lembranças, muitas vezes marcadas por afetos difusos e difíceis de nomear.

No âmbito da relação entre memória e narrativa, Ricoeur (2000) argumenta que é por meio da narrativa que o sujeito tenta organizar o tempo e dar sentido à experiência vivida. No entanto, quando se trata do trauma, essa organização se torna instável, resultando em narrativas fragmentadas e permeadas por silêncios. Assim, a estrutura do conto reflete diretamente essa dificuldade, incorporando descontinuidades que espelham a experiência interna das personagens.

Ademais, conforme aponta Seligmann-Silva (2008), a memória traumática é caracterizada por repetições e interrupções, o que impede a construção de um relato linear e coerente. No conto *“Pelea de gallos”*, essa característica se manifesta por meio da recorrência de imagens e situações que retornam de maneira insistente, reforçando a presença constante do trauma. Diante disso, a memória na narrativa não apenas estrutura

o desenvolvimento do conto, mas também revela a complexidade da experiência traumática. Ao apresentar lembranças fragmentadas e dispersas, o texto evidencia tanto a dificuldade de narrar o trauma quanto a necessidade de tentar elaborá-lo por meio da linguagem, ainda que de forma incompleta.

Representação do Trauma

O trauma é representado por meio de uma linguagem direta e impactante, que expõe situações de violência física e simbólica de maneira intensa e, por vezes, perturbadora. No conto *“Pelea de gallos”*, a escolha por uma linguagem crua e incisiva não apenas aproxima o leitor da experiência narrada, mas também evidencia a urgência de expressar aquilo que, muitas vezes, escapa à possibilidade de ser plenamente dito. Nesse sentido, a narrativa não busca suavizar a dor, mas confrontar o leitor com sua brutalidade.

A presença de rupturas, silêncios e descontinuidades constitui um dos principais recursos utilizados para representar o trauma. Tais elementos revelam a dificuldade de organizar a experiência traumática em uma estrutura narrativa coerente, reforçando a ideia de que o trauma rompe com a linearidade do tempo e com a estabilidade da linguagem. Conforme argumenta LaCapra (2014) o trauma desafia os modos tradicionais de representação, manifestando-se com frequência por meio de repetições e interrupções que indicam a impossibilidade de sua plena assimilação.

Desse modo, Cvetkovich (2003) destaca que o trauma pode ser expresso não exclusivamente por meio do conteúdo narrativo, mas também pela forma, ou seja, pelas estruturas discursivas que evidenciam tensões, lacunas e intensidades emocionais. No conto *“Pelea de gallos”*, essa dimensão formal se manifesta na fragmentação da narrativa e na construção de uma atmosfera densa, marcada por sentimentos de medo, opressão e vulnerabilidade. Outro aspecto relevante diz respeito ao papel do silêncio na representação do trauma. Longe de indicar ausência de significado, o silêncio funciona como um recurso expressivo que aponta para aquilo que não pode ser verbalizado. Nesse ponto, conforme discute Gilmore (2022), as narrativas traumáticas contemporâneas frequentemente incorporam lacunas e ambiguidades como forma de reconhecer os limites da linguagem diante da experiência extrema.

Ademais, a repetição de determinadas imagens e situações ao longo da narrativa reforça a persistência do trauma, revelando sua presença contínua na experiência das personagens. Essa característica dialoga com a ideia de que o trauma não pertence apenas

ao passado, mas se impõe no presente de forma recorrente, afetando a percepção e a construção da realidade. Com isso, a representação do trauma no conto não se dá por meio de uma narrativa linear e transparente, mas por meio de uma linguagem fragmentada, marcada por tensões e rupturas. Ao evidenciar os limites da representação, o texto não apenas expõe a dor, mas também problematiza as possibilidades de narrá-la, transformando a própria estrutura narrativa em expressão da experiência traumática.

Testemunho

A narrativa assume um caráter testemunhal ao ressaltar a voz dos sujeitos e as experiências marcadas pela violência, configurando-se como um espaço de enunciação em que sujeitos historicamente silenciados podem inscrever suas memórias. Mesmo quando se apresenta como ficcional, o texto dialoga com realidades sociais concretas, funcionando como forma de denúncia e de produção de sentidos do trauma. Nessa configuração, o testemunho não se limita à reprodução fiel dos fatos, mas envolve processos de reconstrução, lacuna e fragmentação, aspectos próprios da memória traumática.

De acordo com Seligmann-Silva (2003; 2008) a literatura de testemunho se caracteriza por uma “escrita do trauma”, na qual a linguagem apresenta tanto a necessidade quanto a impossibilidade de narrar plenamente a experiência violenta. Essa tensão aparece na estrutura fragmentada das narrativas, revelando aquilo que escapa à representação. Em diálogo com essa perspectiva, Felman (1992) compreende o testemunho como um ato performativo, no qual narrar implica reviver e reinscrever o trauma, transformando a literatura em espaço ético de escuta.

Para reforçar a dimensão ética e política do testemunho. Sánchez Zapatero (2024) destaca que, na literatura testemunhal, o autor ocupa de forma simultânea os papéis de narrador, vítima e testemunha, o que confere legitimidade ao relato a partir de sua experiência vivida. Souza (2023) observa que o testemunho se consolida como tendência no romance contemporâneo de memória, especialmente por meio de personagens-testemunhas e de uma postura ética do escritor diante do sofrimento narrado.

No contexto latino-americano e brasileiro, o testemunho também se articula com experiências históricas de violência política, desigualdade e exclusão. Estudos recentes, como os de Cecília Lara da Cruz e Maria Aparecida Junqueira (2024), apontam que a literatura contemporânea amplia o testemunho para incluir vozes marginalizadas,

especialmente em narrativas sobre ditaduras, migração e violência estrutural. De modo semelhante, Mauro Sergio (2024) enfatiza que essas narrativas operam como resistência ao esquecimento, reativando memórias traumáticas em contextos sociais marcados pela ausência de justiça e reconhecimento.

Assim, o testemunho na literatura contemporânea ultrapassa o registro individual e assume uma dimensão coletiva, funcionando como instrumento de denúncia, memória e reflexão crítica. Ao articular ficção e realidade, essas narrativas não apenas representam o trauma, mas também contribuem para sua estruturação emblemática e para a construção de uma memória social mais plural e consciente.

Relação com a História

O conto “Pelea de gallos”, reflete problemáticas sociais presentes na América Latina, como a violência de gênero, a desigualdade social e as relações assimétricas de poder que estruturam o cotidiano. Por esse ângulo, a narrativa não se limita a representar uma experiência individual, mas se insere em um contexto mais amplo, no qual histórias pessoais estão profundamente conectadas a processos históricos e sociais. A violência retratada no mencionado conto, especialmente no espaço doméstico, revela-se como parte de uma lógica estrutural que atravessa diferentes camadas da sociedade.

De acordo com Rita Segato (2018), a violência de gênero deve ser compreendida como um fenômeno estrutural, enraizado em sistemas de poder que naturalizam práticas de dominação e controle sobre os corpos, especialmente femininos. Essa perspectiva permite interpretar o conto não apenas como uma narrativa de sofrimento individual, mas como um reflexo de dinâmicas históricas que perpetuam a desigualdade e a opressão. Dessa maneira, o espaço doméstico, frequentemente associado à intimidade e à proteção, revela-se como um local de reprodução da violência. Além disso, Achille Mbembe (2019) contribui para essa análise ao discutir como determinadas populações são historicamente submetidas a condições de vulnerabilidade e exposição à violência, conceito que pode ser relacionado às experiências das personagens do conto.

A narrativa demonstra como essas formas de violência não são eventos isolados, mas parte de um sistema mais amplo que define quem pode viver com dignidade e quem é constantemente exposto ao sofrimento. No campo da memória, Michael Rothberg (2009; 2021) propõe que diferentes experiências traumáticas se articulam e dialogam entre si, permitindo compreender como narrativas individuais podem refletir histórias coletivas. Nesse sentido, o conto de María Fernanda Ampuero ultrapassa o plano

particular ao ecoar experiências compartilhadas por diferentes sujeitos em contextos semelhantes.

Ademais, a literatura contemporânea latino-americana tem desempenhado um papel fundamental na problematização dessas questões, ao dar visibilidade a experiências historicamente silenciadas. Conforme aponta Nelly Richard (2021), as produções culturais atuais atuam como espaços de reconfiguração da memória e de questionamento das narrativas oficiais, permitindo a emergência de vozes marginalizadas. Desse modo, a narrativa estabelece uma relação direta com a história ao evidenciar que as experiências de violência não são isoladas, mas resultado de processos históricos e sociais contínuos. Ao articular o individual e o coletivo, o conto contribui para a construção de uma memória crítica, capaz de problematizar as estruturas que sustentam a desigualdade e a opressão na América Latina.

Discussão

A análise ratifica que a obra dialoga diretamente com as reflexões de Márcio Seligmann-Silva (2008; 2020), especialmente no que se refere à dificuldade de representação do trauma. A fragmentação narrativa, os silêncios e as rupturas presentes no texto confirmam os limites da linguagem diante de experiências extremas, reforçando a ideia de que o trauma resiste à narração plena. Sob essa ideia, a estrutura do conto não é apenas uma escolha estética, mas uma estratégia que incorpora formalmente a própria lógica do trauma, marcada pela descontinuidade e pela repetição. Além disso, a análise permite aproximar a obra das reflexões de Dominick LaCapra (2014), que destaca a importância de distinguir entre a vivência traumática e sua representação.

No conto “Pelea de gallos”, observa-se que a narrativa não busca reconstruir os acontecimentos de forma linear, mas sim evidenciar suas fissuras, o que reforça a impossibilidade de uma representação totalizante. Essa característica também dialoga com Ann Cvetkovich (2003), ao sugerir que o trauma pode ser expresso por meio de formas narrativas não convencionais, que mobilizam afetos e intensidades. A literatura, nesse contexto, se mostra como um espaço de resistência, permitindo a visibilização de histórias marginalizadas e contribuindo para a construção da memória coletiva. Conforme aponta Michael Rothberg (2021), as narrativas de trauma possibilitam a articulação entre experiências individuais e coletivas, ampliando o alcance da memória e promovendo formas de reconhecimento social. Assim, o conto não somente representa uma experiência singular, como também ecoa outras histórias de violência e opressão.

Nesse sentido, a dimensão ética do testemunho literário torna-se evidente ao considerar que dar forma narrativa ao trauma implica um gesto de enfrentamento do silêncio e do esquecimento. Nesse sentido, conforme discute Leigh Gilmore (2022), as narrativas contemporâneas de trauma desafiam as fronteiras entre ficção e realidade, ao mesmo tempo em que reivindicam a legitimidade de experiências historicamente silenciadas. Outro ponto relevante refere-se à relação entre literatura e contexto histórico. A obra evidencia como experiências individuais estão inseridas em estruturas sociais mais amplas, marcadas por desigualdades e violências persistentes. Essa articulação entre o pessoal e o coletivo reforça o papel da literatura como um espaço de reflexão crítica sobre a sociedade, contribuindo para a problematização de discursos hegemônicos.

Assim, a análise confirma que a literatura contemporânea, ao abordar o trauma, não apenas representa o sofrimento, mas também questiona as possibilidades de sua representação. Ao incorporar fragmentação, silêncio e ambiguidade, o texto revela tanto os limites quanto as potencialidades da linguagem, afirmando a literatura como um campo de resistência, memória e elaboração simbólica das experiências traumáticas.

Considerações Finais

O estudo demonstra que o conto *“Pelea de gallos”*, de María Fernanda Ampuero, constrói uma narrativa profundamente marcada pela fragmentação, pela intensidade emocional e por uma linguagem que tenciona os limites da representação. Esses elementos não apenas estruturam o texto literário, mas também dialogam diretamente com as reflexões de Márcio Seligmann-Silva acerca das relações entre trauma, memória, história e testemunho. A análise evidencia que a forma narrativa adotada pela autora não é meramente estética, mas constitui uma estratégia de representação que incorpora, em sua própria estrutura, os efeitos do trauma.

A fragmentação narrativa, os silêncios e as rupturas presentes no conto revelam a dificuldade de organizar experiências traumáticas em uma sequência lógica e contínua. Nesse sentido, o texto confirma a ideia de que o trauma rompe com a linearidade do tempo e desafia a capacidade da linguagem de dar conta do vivido. As lacunas e descontinuidades observadas não devem ser entendidas como ausência de sentido, mas como marcas da impossibilidade de uma representação totalizante. Assim, a narrativa assume a tarefa de sugerir, tencionar e aproximar o leitor de uma experiência que não pode ser plenamente traduzida em palavras.

A memória, por sua vez, ocupa um papel central na construção da narrativa, aparecendo de forma instável, fragmentada e permeada por esquecimentos e reconstruções. As lembranças não seguem uma ordem cronológica, mas emergem de maneira dispersa, evidenciando o impacto emocional das experiências vividas e a dificuldade de sua elaboração. Esse funcionamento da memória reforça a ideia de que o passado traumático permanece ativo no presente, manifestando-se de forma recorrente e, muitas vezes, inesperada.

Por conseguinte, o conto “Pelea de gallos”, não representa unicamente a memória, mas encena seu próprio processo de constituição, aproximando-se das discussões teóricas que compreendem a memória como um campo de disputas, lacunas e ressignificações. Outro aspecto fundamental diz respeito à dimensão testemunhal da narrativa. Ao escutar as vozes das experiências de violência frequentemente silenciadas, especialmente no âmbito doméstico, o conto “Pelea de gallos”, se configura como um espaço de enunciação e de escuta. A literatura, nesse contexto, assume uma função ética e política, permitindo que histórias marginalizadas ganhem visibilidade e reconhecimento. O testemunho literário, ainda que marcado pela ficcionalidade, contribui para a construção de sentidos diante da dor, funcionando como um gesto de resistência frente ao apagamento e à naturalização da violência.

Além disso, o já referenciado conto demonstra a estreita relação entre experiência individual e contexto histórico-social. As situações de violência retratadas no conto não se limitam ao plano pessoal, mas refletem dinâmicas estruturais presentes na sociedade latino-americana, como a desigualdade, a opressão e a violência de gênero. Dessa forma, a narrativa ultrapassa o âmbito da experiência particular, conectando-se a uma dimensão coletiva e histórica. Essa articulação reforça a importância da literatura como um espaço de problematização social, capaz de revelar as estruturas que sustentam determinadas formas de violência.

A partir das contribuições de Seligmann-Silva, é possível compreender que a literatura desempenha um papel essencial na elaboração simbólica do trauma, ainda que enfrente limites em sua representação. O autor destaca que o trauma não pode ser plenamente narrado, mas pode ser trabalhado por meio de formas indiretas, fragmentadas e simbólicas, como se observa no conto analisado. Nesse sentido, a literatura não resolve o trauma, mas cria condições para sua elaboração, permitindo que ele seja reconhecido, compartilhado e, em certa medida, ressignificado.

Conclui-se, portanto, que a articulação entre a narrativa do conto “Pelea de gallos” de Ampuero e o pensamento de Seligmann-Silva possibilita uma compreensão mais ampla das relações entre literatura e trauma. O conto evidencia que a linguagem, embora limitada, constitui um meio fundamental para dar forma ao indizível, ao mesmo tempo em que revela suas próprias insuficiências. Assim, a literatura contemporânea se afirma como um espaço de memória, testemunho e resistência, capaz de tencionar os limites da representação e de contribuir para a construção de uma consciência crítica diante das experiências de dor e violência que marcam o mundo contemporâneo.

Referências

- Ampuero, M. F. (2018). *Pelea de gallos*. Editorial Páginas de Espuma. <https://paginasdeespuma.com/libro/pelea-de-gallos/>
- Assmann, A. (2011). *Cultural memory and Western civilization: Functions, media, archives*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511996306>
- Assmann, J. (2011). *Cultural memory and early civilization: Writing, remembrance, and political imagination*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511996306>
- Bennett, J. (2005). *Empathic vision: Affect, trauma, and contemporary art*. Stanford University Press. <https://www.sup.org/books/title/?id=117>
- Culler, J. (2020). *Literary theory: A very short introduction* (2nd ed). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/actrade/9780199691340.001.0001>
- Cvetkovich, A. (2003). *An archive of feelings: Trauma, sexuality, and lesbian public cultures*. Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822384434>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2018). *The Sage handbook of qualitative research* (5th ed.). Sage Publications. <https://us.sagepub.com/en-us/nam/the-sage-handbook-of-qualitative-research/book242504>
- Eagleton, T. (2019). *Literary theory: An introduction* (40th anniversary ed). <https://www.wiley.com/enus/Literary+Theory%3A+An+Introduction%2C+40th+Anniversary+Edition-p-9781119463030>
- Gilmore, L. (2022). *The limits of autobiography: Trauma and testimony* (Updated ed). Cornell University Press. <https://doi.org/10.7591/cornell/9781501760129.001.0001>
- Hirsch, M. (2020). *The generation of postmemory: Writing and visual culture after the Holocaust*. Columbia University Press. <https://cup.columbia.edu/book/the-generation-of-postmemory/9780231170123>
- LaCapra, D. (2014). *Writing history, writing trauma* (Updated ed.). Johns Hopkins University Press. <https://doi.org/10.1353/book.33031>

Mbembe, A. (2019). *Necropolitics*. Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9781478007227>

Pollock, G. (2013). *After-affects / After-images: Trauma and aesthetic transformation in the virtual feminist museum*. Manchester University Press. <https://manchesteruniversitypress.co.uk/9780719087967/>

Richard, N. (2021). *Erosion and memory: Lessons from Latin America*. Polity Press. <https://www.politybooks.com/bookdetail/?isbn=9781509543854>

Ricoeur, P. (2000). *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Éditions du Seuil. <https://www.seuil.com/ouvrage/la-memoire-l-histoire-l-oubli-paul-ricoeur/9782020403443>

Rothberg, M. (2009). *Multidirectional memory: Remembering the Holocaust in the age of decolonization*. Stanford University Press. <https://doi.org/10.1515/9780804769006>

Rothberg, M. (2021). *The implicated subject: Beyond victims and perpetrators*. Stanford University Press. <https://doi.org/10.1515/9781503627550>

Segato, R. L. (2018). *La guerra contra las mujeres*. Traficantes de Sueños. <https://traficantes.net/libros/la-guerra-contra-las-mujeres>

Seligmann-Silva, M. (2008). *O local da diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. Editora 34.

Seligmann-Silva, M. (2010). *A atualidade de Walter Benjamin e a literatura de testemunho*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/>

Seligmann-Silva, M. (2015). *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Editora Unicamp.

Seligmann-Silva, M. (2020). *O trauma na literatura contemporânea*. Editora Contexto.

Yin, R. K. (2015). *Case study research: Design and methods* (5th ed). Sage Publications. <https://us.sagepub.com/en-us/nam/case-study-research-and-applications/book250150>

Cruz, C. L. da, & Junqueira, M. A. (2024). Literatura contemporânea e memória traumática: Vozes e testemunhos na América Latina. *Soletras*. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/87626>

Felman, S., & Laub, D. (1992). *Testimony: Crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history*. Routledge.

Sánchez Zapatero, J. (2024). Literatura y testimonio: Nuevas perspectivas en la narrativa contemporánea. *Boletín de Literatura*. <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/boletinliteratura/article/view/9071>

Seligmann-Silva, M. (2003). *O local da diferença: Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. Editora 34.

Seligmann-Silva, M. (2008). Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 12(14), 65–82.

Souza, A. P. de. (2023). Testemunho e memória no romance contemporâneo brasileiro. *EntreLetras*. <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/16033>

Sergio, M. (2024). Memória, violência e narrativa: O testemunho na literatura contemporânea. *Historiar*. <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/509>